



ECOS DE *BOM CRIOULO*: REPRESENTAÇÃO E PERMANÊNCIA

DOI: 10.48075/ri.v25i1.30006

Marcus Rodolfo Bringel de Oliveira¹

RESUMO: Este artigo procurou analisar a permanência da imagem do homem negro homossexual na literatura brasileira, cuja origem remete ao romance *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, de 1895. A narrativa trata da relação amorosa inter-racial entre dois marinheiros e sua representação, problemática em termos de negritude e homossexualidade, resiste em obras literárias contemporâneas, tanto do século XX quanto XXI. Dessa maneira, através do cotejo da figuração do afeto ou da tentativa de relações afetivas entre homens no livro do século XIX e dos contos “O estivador”, de Harry Laus, e “Coração”, de Marcelino Freire, pretendeu-se analisar como o protagonista negro e homossexual ainda é dependente de uma representação controversa, relacionada principalmente à dicotomia da virilidade e da afeminação, ambas relacionadas à hipersexualização e ao fetiche do corpo negro, culminando, invariavelmente, na solidão relacionada à impossibilidade de vínculos que fujam aos rótulos sexuais. Questionou-se, ainda, a limitação de possibilidades relacionadas a essa representação, que condiciona formas de ser, existir e amar não só das personagens nas narrativas, mas dos sujeitos estereotipados pelo imaginário da branquitude. Tais problemáticas foram conduzidas por discussões propostas por Miskolci (2012) e Benítez (2006), acerca da imbricação, na construção de sujeitos reais e ficcionalizados, entre a homossexualidade e a negritude, e por Shohat e Stam (2006), sobre os problemas da representação de grupos minoritários. Como resultado, conclui-se a recorrência de estereótipos na constituição literária dos seres apresentados, ligados à solidão afetiva e à sexualização, extremadas pela afeminação e pela virilidade, mesmo em narrativas publicadas em três séculos diferentes.

Palavras-chave: homossexualidade; negritude; afeto; *Bom Crioulo*.

BOM CRIOULO'S ECHOS: REPRESENTATION AND PERMANENCE

ABSTRACT: This paper sought to analyze the permanence of the image of the black homosexual man in Brazilian literature, whose origins go back to the novel *Bom Crioulo*, by Adolfo Caminha, from 1895. The narrative deals with the interracial love relationship between two sailors and its representation, problematic in terms of blackness and homosexuality, persists in contemporary literary works, both from the 20th and 21st centuries. In this way, by comparing the figuration of affection or the attempt at affective relationships between men in the 19th century book and the short stories “O estivador”, by Harry Laus, and “Coração”, by Marcelino Freire, it was intended to analyze how the black and homosexual protagonist is still dependent on a controversial representation, mainly related to the

¹ Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília. Mestre em Literatura e graduado em Letras Português pela mesma universidade. Analista de gestão educacional da Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: marcusbringel.unb@gmail.com

dichotomy of virility and effeminacy, both related to hypersexualization and the fetish of the black body, invariably culminating in loneliness related to the impossibility of bonds that escape sexual labels. The limitation of possibilities related to this representation was also questioned, which conditions ways of being, existing and loving not only of the characters in the narratives, but of the subjects stereotyped by the imaginary of whiteness. Such issues were conducted by discussions proposed by Miskolci (2012) and Benítez (2006), about the imbrication, in the construction of real and fictionalized subjects, between homosexuality and blackness, and by Shohat and Stam (2006), about the problems of representation of minority groups. As a result, the recurrence of stereotypes in the literary constitution of the beings presented is concluded, linked to affective loneliness and sexualization, extreme by effeminacy and virility, even in narratives published in three different centuries.

Keywords: homosexuality; blackness; affection; *Bom Crioulo*.

O LEGADO DE *BOM CRIOULO*: EXEMPLAR DISTORCIDO DE UM TROPO

O romance *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, publicado originalmente em 1895, é largamente reconhecido como pioneiro na literatura brasileira ao apresentar o primeiro protagonista gay negro da nossa literatura (TREVISAN, 2007). Embora outras figuras homossexuais aparecessem em romances hoje consagrados, como o casal Pombinha e Leonor em *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, publicado em 1890, o destaque da personagem-título, de nome Amaro, à posição de principal figura do romance de Caminha é um fato inédito na literatura, só comparável ao ineditismo muitas vezes não ressaltado deste protagonista ser também negro².

Mesmo na contemporaneidade, estudos como os realizados por Regina Dalcastagnè (2012) demonstram que, “além de reduzida, a presença negra e mestiça entre as personagens é (...) menor ainda quando são focados os protagonistas” (p. 174), pois, em seu levantamento acerca dos romances brasileiros contemporâneos publicados entre os anos de 1990 e 2004, apenas 14% das personagens dos romances eram negras ou mestiças, sendo que estas representam 11,6% dos protagonistas das obras analisadas. A autora reitera, então, que “os brancos não apenas compõem a ampla maioria das personagens identificadas no corpus; eles quase monopolizam as posições de maior visibilidade e de voz própria” (p. 175).

² A questão da identificação racial no Brasil é complexa “na medida em que inexitem no país regras fixas ou modelos de descendência biológica aceitos de forma consensual” (SCHWARCZ, 2012, p. 32). Portanto, dentro dos limites de análise e discussão deste artigo, não cabe provocar distinções entre os matizes de pele (como a pluralidade de descrições étnicas – muitas das quais são inadequadas –, como negros, morenos, mulatos, mestiços, etc.). Tomaz Tadeu da Silva (2014) ressalta que, “numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, ‘ser branco’ não é considerado uma identidade étnica ou racial” (SILVA, 2014, p. 83), logo, não indicada; ao contrário das personagens homossexuais aqui analisadas, cuja cor de pele é evidentemente demarcada.

Em se tratando de um romance do século XIX, embora não seja precursor no protagonismo negro – *O mulato*, de Aluísio de Azevedo, por exemplo, data de 1890 – ou homossexual – o recém-descoberto romance *Um homem gasto*, de Ferreira Leal, foi publicado em 1885 –, a união dos caracteres negro e homossexual a um protagonista atribuiu à obra de Adolfo Caminha uma situação *sui generis* na tradição literária brasileira, o que pode responder pela recepção condenatória do romance que se estendeu pelo século XX³. Da mesma forma que uma posição de destaque ocupada por personagens negros é, de certa forma, reduzida nos romances contemporâneos analisados pela pesquisa de Dalcastagnè (2012), também o é de personagens cuja orientação sexual se afaste do heteronormativismo. No corpus discutido pela professora, somente 6,3% das personagens elencadas são homossexuais ou bissexuais, com “nítida predominância de personagens do sexo masculino (79,2%)” (p. 168) entre as homossexuais, e mulheres e homens igualmente divididos entre as bissexuais.

Ainda que focalizada na contemporaneidade, entre a década final do século XX e os primeiros anos do século XXI, tal panorama da etnia e da sexualidade das personagens da literatura brasileira é representativa e ajuda a posicionar o romance *Bom Crioulo* não apenas na produção de sua época, mas mesmo na atualidade, tendo em vista que essa obra tem “implicações na representação do homossexual até o presente” (LOPES, 2002, p. 126). Nesse sentido, é essencial pensar na intersecção das características construídas por esse romance e pelos contos “O estivador”, de Harry Laus (1984) e “Coração”, de Marcelino Freire (2005), sob o aspecto da permanência de influências do romance de Caminha na representação de homens negros homossexuais, na percepção de que,

em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada [e] essas relações de poder afetam todos os aspectos do convívio social. (COLLINS & BILGE, 2021, p. 16).

Não obstante o hiato temporal entre as obras aqui discutidas, são numerosos os elementos comuns aos protagonistas aqui analisados para serem apenas coincidência narrativa, os quais estabelecem uma tendência na representação literária brasileira e como reflexo, provavelmente, da vivência de homens como Amaro, Aldo e Célio: a negritude, a homossexualidade, sua posição socialmente periférica⁴ e, ainda, sua quase invisibilidade e

³ Sobre a condenação civil e militar do romance e do seu autor à época e posterior, ver Miskolci (2012).

⁴ Sobre a questão do trabalho e, mais especificamente, sobre o trabalho militar (principalmente a Marinha), Regina Dalcastagnè (2019) ressalta que a atividade exercida por Amaro, em *Bom Crioulo*, era “uma das poucas opções possíveis à época” (p. 157) para um escravizado fugido. Tal aspecto historiográfico é desenvolvido nas [Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, n°1, 2023. e-ISSN: 1982-3010.](#)

estereotipia. Nesse sentido, Dalcastagnè (2019) reiteira que “*Bom Crioulo* chama a atenção ainda para uma série de outras ausências em nossa literatura – não apenas a do século XIX, mas também a de hoje, que, de um modo geral, não dá guarida para personagens como Amaro. Afinal, além de gay, ele é negro e trabalhador braçal” (p. 155).

Com efeito, ainda que distem quase cem anos entre si, as representações apresentadas pelos textos citados dialogam entre si, tendo em vista que, no mundo homossexual, “o ideal dominante é o homem branco, jovem, másculo, de corpo e aparência trabalhadas, em detrimento de homens efeminados, negros (...)” (BENÍTEZ, 2006, p. 03). A figura do negro homossexual, nesse caso, afasta-se dos ideais postulados pela padronização dentro do grupo gay atual, que reverbera ecos de um ideal político/nacionalista embranquecedor próprio da formação da República, momento em que “negros (...) e os recentemente denominados de homossexuais eram vistos como ‘ameaças’ à ordem, daí começarem a ser associados à anormalidade, ao desvio e até mesmo à doença mental” (MISKOLCI, 2012, p. 39).

O romance *Bom Crioulo* situa-se justamente nos primeiros anos da República, em que se procurava modernizar o Estado brasileiro, afastando-se da mácula da escravidão negra por meio do processo de branqueamento e projetando uma missão civilizadora de regimes sexuais ideais, na qual “o desejo da nação era um ideal político embranquecedor assentado no desejo heterossexual masculino” (MISKOLCI, 2012, p. 150). Por consequência, o movimento literário vigente, o Realismo/Naturalismo, buscava, por meio de romances de tese, a crítica às estruturas e aos comportamentos do final do século XIX, confundindo-o muitas vezes com o momento político e cultural:

Os naturalistas criam que a deliquescência do organismo social tem origem no estatuto político e moral vigente e, sobretudo, nas taras hereditárias. De onde convocarem para dentro dos romances exemplares patológicos de toda espécie (...). A doença de que padecem os heróis (ou melhor, anti-heróis) é orgânica, além de moral ou situacional. (MOISÉS, 1992, p. 356-357)

Valendo-se de um protagonista negro, Amaro, chamado *Bom Crioulo* por seu caráter “admiravelmente manso, quando se achava em seu estado normal” (CAMINHA, 2009, p. 37), o autor apresenta a história de um marinheiro negro, escravizado fugido, que se apaixona perdidamente pelo jovem grumete Aleixo, loiro e de “formas de homem tão bem torneadas,

pesquisas de Álvaro Pereira do Nascimento (2000), que constrói um panorama da situação do homem negro não-emancipado em fins do século XIX que, inegavelmente, dialoga de modo próprio com a temática deste artigo, no sentido de estabelecer a manutenção de um tropo sobre esse indivíduo na sociedade.

braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe seios para que (...) fosse uma verdadeira mulher” (CAMINHA, 2009, p. 79). Ressaltando sempre a enfermidade moral e física que seria esse desejo, a narrativa, através de uma onisciência múltipla, acompanha o casal, ao chegarem em terra após servirem num navio e se instalarem no sótão de uma mulher portuguesa, Carolina, que posteriormente se apaixonará por Aleixo, situação de triângulo amoroso que, orientada por uma condenação moralista da voz narrativa, finaliza-se com o assassinato de Aleixo por Amaro.

Não apenas o protagonismo de uma personagem negra homossexual, mas alguns dos cenários e das situações apresentadas pelo romance de Caminha se repetem nos contos “O estivador” e “Coração”, principalmente no que se refere às relações amorosas trabalhadas pelas narrativas, nas quais o afeto entre um homem negro homossexual e outro homem é inviabilizado. Assim sendo, formas e estruturas próprias de uma obra tão problemática como *Bom Crioulo*, em que se potencializam os esquemas estereotipados de opressão sobre a personagem principal, continuam, mais de século depois, ainda conformando e limitando a representação de homens negros homossexuais na literatura brasileira, como o afeto problemático, o fetichismo e a hipersexualização, a masculinidade em contraponto à efeminação, dentre outros recursos temáticos.

Se, por um lado, principalmente a partir de 1970, pesquisadores como James N. Green (2019) e João Silvério Trevisan (2007) apontam que os homossexuais têm cada vez mais ocupado espaço tanto na sociedade quanto na produção literária em torno de representações que valorizam a fluidez dos papéis sexuais e dos limites de gênero, além de apresentar suas vivências com maior liberdade, essa ampliação de valores e perspectivas volta-se apenas aos gays brancos: “Atualmente, há uma maior abertura social para os homossexuais, desde que ele seja branco e com poder de consumo” (FRANCISCO, 2016, p. 417). Aos negros homossexuais, resta a manutenção de estereótipos físicos e comportamentais, além do impedimento de afetos reais e duradouros. Conforme María Elvira Díaz Benítez (2006), “com o boom da chamada identidade gay surgiu o paradigma deste como homem branco liberal e de classe média, questão que torna invisível e nega que nem todos os indivíduos homossexuais possuem tais características, promovendo discriminações” (p. 03).

Nesse aspecto, mesmo na contemporaneidade, obras que apresentam negros homossexuais ainda se apegam a visões restritas sobre tal grupo, bem como sobre suas práticas sexuais e relações de afeto. Nessa assimetria de representações dentro de uma suposta comunidade gay, Ella Shohat e Robert Stam (2006) apontam que

A questão crucial em torno dos estereótipos e distorções está relacionada ao fato de que grupos historicamente marginalizados não têm controle sobre sua própria representação. (...) [Tais] representações, portanto, se tornam alegóricas: no discurso hegemônico todo papel subalterno é visto como uma sinédoque que resume uma comunidade vasta, mas homogênea. (p. 269-270).

Duplamente limitados pelos estereótipos sobre sua sexualidade e etnia, as personagens aqui discutidas invariavelmente lidam com aspectos da hipersexualização e solidão negras, o que, em última análise, fala sobre a realidade de homens negros homossexuais dentro de um contexto ideológico brancocêntrico e heteronormativo. Como refração e reflexo da realidade que é a arte, aqui particularmente a literária, a representação e sua manutenção evoca uma realidade historicamente construída, com valores derivados da longa história colonial do Brasil, que afeta não apenas os sujeitos na sua vida pública, mas também em sua intimidade.

AFETO: ENTRE A IMPOSSIBILIDADE E A NEGAÇÃO

Os exemplares literários apresentados neste artigo ressaltam a limitação das possibilidades afetivas do corpo negro, em que a representação das relações amorosas está constantemente enublada pela agressividade, pela insanidade, e pela excessiva sexualização e pela dicotomia virilidade/afeminação. Dessa forma, as relações apresentadas pelos textos aqui discutidos, além dos elementos citados, refletem ainda a solidão como resultado das (im)possibilidades afetivas, mediadas que são pelo fetiche: “A solidão do homem negro e gay é individual e também com reflexo na coletividade, pois decorre de uma construção histórica, social, política e econômica” (FRANCISCO, 2016, p. 412).

A relação de Amaro com Aleixo, em *Bom Crioulo*, se inicialmente tinha ares principalmente animais e antinaturais (“Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens?” [CAMINHA, 2009, p. 51]), desenvolve-se, unilateralmente, para um sentimento mais significativo após certo tempo morando juntos: “Sua amizade ao grumete já não era lúbrica e ardente: mudara-se num sentimento calmo, numa afeição comum, sem estados febris nem zelo de amante apaixonado” (CAMINHA, 2009, p. 83). Tal afeto, entretanto, não é correspondido por Aleixo, que inicialmente se une a Amaro devido a uma gratidão (“De resto, o negro não lhe fazia muita falta: estimava-o, é verdade, mas aquilo não era sangria desatada que não acabasse nunca...” [CAMINHA, 2009, p. 86]) e que, posteriormente, com a indicação de Amaro para outra

embarcação e a separação dos dois, além do seu envolvimento com Carolina, acaba se transformando em rejeição, que assume, além da homofobia, um racismo evidente:

Receava encontrar Bom-Crioulo, ter de o suportar com seus caprichos, com o seu bodum africano, com os seus ímpetos de touro, e esta lembrança entristecia-o como um arrependimento. Ficava abominando o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo por aquele animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar. Tinha pena dele, compadecia-se, porque, afinal, devia-lhe favores, mas não o estimava: nunca o estimara! (CAMINHA, 2009, p. 112)

Essa transformação na visão de Aleixo sobre seu amante está relacionada à sua descoberta de prazer junto ao sexo feminino, de forma que a relação com Amaro lhe parece inferior ou sórdida, ainda que ele tenha pensado, em outro momento, em relacionar-se com um homem rico: “Podia encontrar algum homem de posição, de dinheiro: já agora estava acostumado ‘àquilo’. (...) Sim, o que ele podia esperar de Bom Crioulo? Nada, e, no entanto, estava sacrificando a saúde, o corpo, a mocidade... Ora, não valia a pena!” (CAMINHA, 2009, p. 87).

Percebe-se, dessa forma, a elevação de que gozavam as pessoas brancas ainda que homossexuais e, mais ainda, a valorização das relações heterossexuais, mesmo que estas fugissem aos padrões mais conservadores, tendo em vista que a diferença de mais de 20 anos de idade entre Carolina e Aleixo e a vida da portuguesa vista como desregrada também eram elementos malvistas à época, mas ainda superiores à relação entre os marinheiros. Nesse sentido, “esse raciocínio originalmente heterossexual se reproduz de modo perverso nas relações homoafetivas. (...) Somos encaixados no movimento anti-homofóbico, contudo, ainda muito racista” (FRANCISCO, 2016, p. 416).

Noventa anos depois, no conto “O estivador”, de Harry Laus, é narrada a história de um estivador chamado Aldo, cuja proeminência de compleição física relembra a descrição de Amaro em *Bom Crioulo*. Se, em Caminha, o protagonista é descrito como “um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração cadente e enervada” (CAMINHA, 2009, p. 35), em Laus, “Mulato e semi-analfabeto, Aldo supria as poucas letras com a abundância de músculos” (LAUS, 2007, p. 105). Acresce-se também a esta representação o pouco domínio da fala: “Pouco falava. (...) A voz doce mal encontrava saída entre a musculatura do estivador” (LAUS, 2007, p. 106-107), de forma que, quase um século depois, o narrador aproxima ainda mais a figura negra homossexual da animalidade e da ignorância.

Nesse texto, o estivador, paralelamente à vida pública e à imagem viril de trabalhador braçal, aguarda em seu apartamento a chegada de seu amante, um soldado, enquanto emula atrizes da era de ouro de Hollywood, ouvindo Carmen Miranda, desenrugando as pregas do vestido de uma boneca de feltro, enquanto os alisa os cabelos vestindo um robe de seda vermelho. Quando seu parceiro chega bêbado, este agride Aldo fisicamente, levando a uma briga e à expulsão do homem, deixando o protagonista desolado.

Ao contrário de *Bom Crioulo*, neste conto, o afeto entre homens sequer se concretiza numa coabitação, limitando-se a encontros periódicos: “Esperando a companhia das noites de sábado – já iriam comemorar seis meses de convivência” (LAUS, 2007, p. 107). Aqui, observa-se que a relação resumia-se a um encontro com doses de bebida, sanduíches – fornecidos por Aldo – e ato sexual: “A metamorfose completava-se com a chegada do soldado. Um sanduíche, o soldado sem túnica; Dalva de Oliveira, o primeiro cuba-libre; tira as calças, Isaurinha Garcia; mais sanduíches, outro cuba, os dois de calção para o mergulho no colchão macio” (LAUS, 2007, p. 108).

Com o término do relacionamento após a briga, Aldo encara a solidão e a dificuldade para desenvolver uma outra relação como essa, tendo em vista o segredo que envolve a conquista e o flerte entre homens, principalmente pelo receio trazido por sua constituição física: “Quanto tempo para refazer um relacionamento como aquele? Procurar disfarçadamente pelos bares, aproximar-se, nas primeiras palavras o máximo cuidado para conquistar a simpatia, a confiança, convencer que aquele monte de músculos servia apenas para carregar sacos” (LAUS, 2007, p. 109). Nesse sentido, mesmo os espaços de socialização que possibilitariam a expressão de sua identidade homossexual, são-lhe interditados devido à sua imagem “excessivamente” máscula, não apenas por seu físico trabalhado, mas também por seu biotipo negro. Ao homossexual negro, portanto, há mais de uma camada de opressão sobreposta, pois, além da “imagem do armário [ser] indicativa da homofobia”, também, devido à negritude, “num estigma que é visível”, o que localiza esse sujeito “numa especificidade epistemológica da identidade e da situação gay em nossa cultura” (SEDGWICK, 2007, p. 32).

Tanto no conto de Laus quanto no romance de Caminha, portanto, a representação do homem negro dialoga com uma agenda da branquitude⁵ através de uma visão que retrata “os

⁵ O conceito de branquitude aqui utilizado vale-se da noção de “um constructo ideológico de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão, e dessa forma outros grupos aparecem ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores”, de forma que o imaginário derivado dessa perspectiva
[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, n°1, 2023. e-ISSN: 1982-3010.](#)

homens negros como criaturas ameaçadoras, com potencial poder sexual sobre os brancos, ou então como seres inofensivos e assexuados, subalternos da cultura branca” (WEST, 1994, p. 101). Dessa maneira, a figura de Aldo, confinada entre os estereótipos extremos da virilidade e da afeminação, demonstra uma manutenção de imagens e situações em que “a vivência e o corpo do homem negro são delimitados pelos olhares dos brancos. É neste corpo também que a sociedade racista e homofóbica fixou os seus valores e expectativas” (FRANCISCO, 2016, p. 412), limitando, também, as possibilidades e as expressões de afeto do negro homossexual.

Em “Coração”, presente no livro *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire, a curta narrativa apresenta Célio contando a um amigo seu encontro com Beto, “moreno bonito” (FREIRE, 2005, p. 59) que ele masturba em uma viagem de trem e com quem se encontra mais duas vezes, quando o leva para sua casa. Após esses encontros, Beto desaparece, mas deixa Célio apaixonado e frustrado pela forte impressão que aquela efêmera relação lhe inscrevera.

Se, em *Bom Crioulo* e em “O estivador”, as relações entre as personagens da história tinham uma duração de meses, ainda que em meio às limitações de representação, estereótipo e preconceito já discutidas, em “Coração”, na medida em que o afeto e o vínculo são reduzidos, inversamente se dá o interesse de Célio por Beto, que maldiz constantemente a própria paixão, tendo em vista sua inacessibilidade: “Bicha devia nascer sem coração. É, devia nascer. Oca. É, feito uma porta. (...) Esse coração de merda. (...) Célio não quis saber de outro cara.” (FREIRE, 2005, p. 59-62).

Suas chances de afeto com outro homem são tão reduzidas que o fato de ter masturbado Beto numa condução assume ares de felicidade para Célio: “Célio acariciou o membro de Beto no aperto vespertino, no balanço ferroviário. Beto gozou na mão do viado. (...) Célio feliz por um tempo. A gosma entre os dedos.” (FREIRE, 2005, p. 59). Nos dois encontros seguintes, a intimidade dos dois resume a uma escassa conversa, com pouca ou nenhuma afetividade: “Aí o bofe tomou um ki-suco de morango, comeu um omelete, conversou pouco e nada. Não rolou nada aquele dia, acredita? Ele travou, não sei. Não-me-toque, eu não toquei. E assim a gente ficou” (FREIRE, 2005, p. 60). Na esteira desses encontros casuais e superficiais, a impossibilidade de concretizar o ato sexual devido à negativa do outro

engendra as experiências das identidades brancas e não brancas e como elas “têm sido historicamente criadas, recriadas, significadas e redefinidas através das trocas circulares de símbolos” (SCHUCMAN, 2012, p. 17).

assume um papel importante no sentimento de Célio: “A pior coisa, amiga, é uma trepada quando fica engasgada. Vira uma lembrança agoniada. Uh!” (FREIRE, 2005, p. 61).

No encontro seguinte, mediado pela rapidez e por poucas palavras – “Encontrou Beto uma semana depois. (...) Correu e disse alguma coisa: algo como ‘Omelete recheado’. Vamos de novo? Foram e chegaram. (...) Foi quando ele perguntou se podia dormir comigo naquela noite” (FREIRE, 2005, p. 61) –, a concretização da relação sexual lhe deixa definitivamente enamorado por Beto, sonhando e se frustrando com o sumiço repentino do amante, saído no meio da madrugada: “Não tem coisa pior do que o abandono. Depois de uma trepada daquela, tudo parecia ser eterno. Aí é que a gente se engana” (FREIRE, 2005, p. 62).

PARA ALÉM DA TRADIÇÃO DA REPRESENTAÇÃO

A impossibilidade das relações, a falta de comunicação dos sentimentos entre os amantes e a afetividade reduzida à relação sexual são uma tônica dominante tanto do romance quanto dos contos aqui analisados. Dessarte, mesmo que um período de 110 anos afaste as obras discutidas, ainda perduram representações que demarcam uma interdição do afeto entre/para homens negros homossexuais. Essa impossibilidade se diegetiza, em *Bom Crioulo*, pela focalização na diferença étnica e no racismo resultante que reforça um fetichismo da virilidade e hipersexualização que limita e reduz os corpos negros ao imaginário da branquitude: “Quando estereótipos antinegros (sua bestialidade repulsiva, por exemplo) são registrados como positivos (a liberdade da libido), isso nos diz mais sobre a imaginação erótica branca do que sobre o objeto de sua fascinação” (SHOHAT & STAM, 2006, p. 48).

No conto “O estivador”, a representação do negro homossexual volta-se principalmente para o outro extremo da masculinidade, para a efeminação, em que, à parte da virilidade do físico de Aldo, se apresenta numa “oposição à representação heteronormativa da masculinidade negra”, ainda que “o poder subversivo dessas imagens [seja] alterado radicalmente quando influenciado pela construção ficcional racializada do ‘feminino’”, numa “obsessão com uma visão idealizada e fetichizada de feminilidade branca” (hooks, 2019, p. 222-223). Dessa maneira, o potencial crítico dessa personagem é reduzido, tendo em vista que, na figura produzida pelo imaginário da branquitude, “a única figura negra não ameaçadora (...) é representada como totalmente assexuada” (SHOHAT & STAM, 2006, p. 241); ou, melhor, no caso do conto em questão, numa afeminação caricata, em que “homens

negros homossexuais que rejeitam a opção dominante do estilo machista são, por isso mesmo, marginalizados na sociedade dos brancos, (...) acusados de não serem realmente ‘homens negros’” (WEST, 1994, p. 107), num óbvio exemplo da limitação de possibilidades de ser e de existir fora dos parâmetros estereotipados de representação e de identidade.

Em “Coração”, a fragilidade das relações afetivas, a quase inexistência de comunicação e o foco nas experiências sexuais ressaltam uma tendência da literatura brasileira que é a “quase ausência de relações amorosas estáveis entre homens” (LOPES, 2002, p. 191), muitas vezes entre os próprios homossexuais negros, socializados que foram a emular os conceitos próprios da heteronormatividade e da branquitude. Assim,

o corpo do homem negro é valorizado como sendo basicamente sexuado e suporta um imaginário essencialista que fala de uma virilidade obrigatória. (...) Espera-se que o homossexual negro seja ativo; (...) embora os negros passivos escapem da fantasia da hiperatividade e do uso desenfreado do pênis, participam daquela outra – igualmente histórica – que recria os negros, homens e mulheres, ativos e passivos, como ‘bons de cama’ (BENÍTEZ, 2006, p. 06-07).

Observa-se, portanto, nas análises aqui apresentadas, a prisão de estereótipos a que estão sujeitos os corpos negros, que se reproduz perversa e particularmente na representação literária em três diferentes séculos, que, quando fogem ao fetiche da virilidade e do poder sexual, caem no extremo de uma feminilização caricata, mas confinada sempre à hipersexualização. Personagens, entretanto, nunca tributários de afeto real, de forma que “a solidão é algo imposto pela rejeição do corpo negro para determinadas ações e lugares” (FRANCISCO, 2016, p. 412), lugares estes escondidos, próximos ao cais (em “O estivador”), em pensões decrépitas (como em *Bom Crioulo*) ou circunscritos ao mínimo necessário à sobrevivência (como em “Coração”), bem como às ações de suas existências, que não se ampliam para além do emprego, do deslocamento até o trabalho e do ato sexual em todas as obras aqui analisadas, discussão que merece maior aprofundamento e análise de sua reverberação e de seu significado dentro das narrativas.

Assim sendo, a análise dos textos aqui apresentados, além do cotejamento de cenários e situações comuns às obras, procura uma compreensão das representações artísticas distribuídas pelos séculos XIX, XX e XXI, e principalmente uma crítica à permanência de problemas relacionados ao afeto de homens negros homossexuais, seja em situação de intra ou interracialidade. A inexistência de imagens plurais sobre esse sujeito confina-o tanto na falta de opções de sua própria personalidade, como pessoa negra, quanto na vivência restrita à conformação ou não do estereótipo dentro da comunidade gay.

Almeja-se, com tal proposta, uma compreensão e uma reivindicação de ampliação de produções que contribuam “para uma visão mais sutil das relações afetivas entre homens” (LOPES, 2002, p. 20), muito além das representações alegóricas e pontuais, tendo em vista que, para os homens negros, a homossexualidade representa uma transgressão normativa a mais, como forma de “oposição à representação heteronormativa da masculinidade negra” e como “crítica à masculinidade falocêntrica na experiência negra tradicional” (hooks, 2019, p. 222). Ao valorizar o questionamento e o potencial poder de mudança das artes, se não de atitudes, de reflexões sobre o mundo, Shohat e Stam (2013) afirmam que, ainda que sejam representações, ou seja, frutos da mediação dos discursos com o mundo factual, refrações do real, isso não os impede de ter efeitos reais sobre o mundo, ao manejarem não apenas visões da vida real “sobre o tempo e o espaço, mas também sobre relações sociais e culturais” (p. 263).

O percurso aqui apresentado sobre a representação de homens negros homossexuais nas suas impossibilidades e rupturas de afeto, partindo do marco que foi o romance *Bom Crioulo*, ressalta uma tendência de elaboração de histórias e de perspectivas narrativas que não fogem a uma tradição preconceituosa e limitadora. Essas narrativas, em maior ou menor medida, ao assumirem ou não a problemática central aqui discutida, demonstram que, não só para homens negros e homossexuais, mas principalmente para eles, a socialização, como forma de construção de afeto e autoidentificação, “costuma ser um processo marcado por formas muito violentas de recusa em si mesmo (...), quer seja uma identidade de gênero diferente das mais conhecidas ou formas de desejo fora do modelo em voga” (MISKOLCI, 2012, p. 169).

REFERÊNCIAS

BENÍTEZ, M. Além de preto, veado! Etiquetando experiências e sujeitos nos mundos homossexuais. *Revista Sexualidade, Gênero e Sociedade*, n. 26, dez. 2006, p. 01-08.

CAMINHA, A. *Bom Crioulo*. São Paulo: Hedra, 2009.

COLLINS, P. H. & BILGE, S. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DALCASTAGNÈ, R. Um romance ambíguo e desafiador. In: CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. São Paulo: Todavia, 2019. p. 155-169.

FRANCISCO, R. F. A solidão do gay preto. In: RAMOS, M. M. *et ali* (Orgs.). *Gênero, sexualidade e direito: uma introdução*. Belo Horizonte: Editora Initia Via, 2016. P. 405-424.

FREIRE, M. Coração. In: _____. *Contos Negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 57-63.

GREEN, J. N. “Abaixo a repressão: mais amor e mais tesão”, 1969-1980. In: _____. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2019. p. 401-460.

hooks, b. Paris está em chamas. In: _____. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019. p. 220-235.

LAUS, H. O estivador. In: RUFFATO, L. (Org.). *Entre nós: contos sobre homossexualidade*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. p. 105-110.

LOPES, D. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MISKOLCI, R. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1992.

NASCIMENTO, A. P. Do cativo ao mar: escravos na Marinha de Guerra. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 38, 2000, p. 85-112.

SEDGWICK, E. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, jan.-jun. 2007, p. 19-54.

SCHUCMAN, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese de doutorado em Psicologia. USP, São Paulo: 2012.

SCHWARCZ, L. M. *Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SHOHAT, E. & STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica*. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WEST, C. A sexualidade dos negros: um assunto tabu. In: _____. *Questão de raça*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. P. 99-109.

Recebido em 22 de outubro de 2022.

Aprovado em 14 de dezembro de 2022.

